

OLHARES JUVENIS PARA AS ESCOLAS: GAIOLAS OU ASAS?

JUVENILE LOOKS FOR SCHOOLS: CAGES OR WINGS?

MIRADAS JUVENILES EN LAS ESCUELAS: ¿JAULAS O ALAS?

Mônica Izilda da Silva*

 <https://orcid.org/0000-0002-9828-1757>

Daniel Fernando Bovolenta Ovigli**

 <https://orcid.org/0000-0002-4057-547X>

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, M. I.; OVIGLI, D. F. B. Olhares juvenis para as escolas: gaiolas ou asas?. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 22, p. 1-22, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.5612>

Resumo: Frente às desigualdades educacionais ao longo da história da educação no Ensino Médio (EM), o presente artigo tem por objetivo mapear as percepções juvenis sobre a escola, sua função e o sentido de se frequentar tal etapa. Para tanto, foram realizados grupos focais com 32 Jovens matriculados em três escolas públicas situadas no município de Uberaba-MG. Os dados foram interpretados à luz da Análise de Conteúdo, por meio de categorias estabelecidas a priori: (i) perfil dos jovens; (ii) história de vida e trajetória escolar; (iii) percepção sobre a escola e a educação; (iv) relações sociais na escola e (v) que escola criticam e que escola querem. Os resultados sugerem “escolas-asas”, com estudantes autores de seus percursos formativos. Jovens que precisam ser ouvidos e considerados, o que evidencia a necessidade de uma relação dialógica na instituição escolar.

Palavras-chave: Jovem. Ensino Médio. Escola. Juventudes.

Abstract: In the face of educational inequalities throughout the history of High School (HS), young people question the school as its function and the meaning of attending this stage. To this goal, focus groups were realized with 32 young people enrolled in three public schools located in the city of Uberaba-MG. The data were interpreted in the light of Content Analysis, through categories established previously: (i) profile of young people; (ii) life history and school trajectory; (iii)

perception of school and education; (iv) social relations at school and (v) which school do they criticize and what school do they want. The results suggest “wing schools” with students being authors of their training processes. Young people who need to be heard, considered, showing the need for a dialogical relationship at school.

Keywords: Young. High school. School. Youth.

Resumen: Ante las desigualdades educativas a lo largo de la historia de la Educación Secundaria (ES), este artículo tiene como objetivo mapear la percepción de los jóvenes sobre la escuela, su papel y el sentido de asistir a esta etapa. Con este fin, se realizaron grupos focales con 32 jóvenes matriculados en tres escuelas públicas ubicadas en la ciudad de Uberaba-MG. Los datos fueron interpretados a la luz del Análisis de Contenido, a través de categorías establecidas a priori: (i) perfil de los jóvenes; (ii) historia de vida y trayectoria escolar; (iii) percepción de la escuela y la educación; (iv) relaciones sociales en la escuela y (v) a qué escuela critican y qué escuela quieren. Los resultados sugieren “escuelas-alas” con estudiantes autores de sus procesos de formación. Jóvenes que necesitan ser escuchados, considerados, mostrando la necesidad de una relación dialógica en la escuela.

Palabras-clave: Joven. Educación Secundaria. Escuela. Juventudes.

1 Introdução

Nas escolas nem sempre são proporcionados, principalmente aos Jovens, espaços de discussão e diálogo. Dayrell (2007, p. 117) pontua que a escola ainda não “[...] se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade”. Em um cenário de invisibilidade e de ausência de diálogo, faz-se necessário que professores estabeleçam relações dialógicas com os seus estudantes, de aproximação e, ao mesmo tempo, alcancem outros espaços e situações ocupados pelos estudantes (DAYRELL, 2003).

Buscando conhecer esses Jovens, os sentidos atribuídos por eles à escola, o processo de ensino-aprendizagem, suas compreensões enquanto sujeitos e como o mundo é por eles apreendido, contaremos com o aporte teórico de Charlot (2001), que ressalta a importância de aprender por meio da participação em um processo de libertação e de humanização, particularmente voltado à juventude.

Dayrell (2003) é destaque em projetos e movimentos juvenis nacionais, pesquisador nos temas juventude, cultura e educação, tendo como princípio as relações entre juventude e escola. Essas relações, pautadas na maioria das situações em tensões e desafios, precisam buscar sentidos, conforme ilustra Freire (1987), para quem os olhares devem ser voltados para “o outro”. Nesse sentido, ambos os autores defendem relações sensíveis entre os Jovens e a escola, estabelecidas por meio dos sentidos, nas relações com os Jovens, quando se tornam produtores de conhecimento, para serem transformadores atuantes do mundo.

Frente a este cenário, brevemente caracterizado, esta pesquisa investigou a tríade Jovem - Ensino Médio - Escola, visando responder à seguinte questão: quais as percepções do jovem estudante de Ensino Médio (EM) sobre as escolas da rede pública estadual de Uberaba-MG?

Nosso objetivo consistiu em mapear as percepções juvenis, do estudante de EM, a partir do reconhecimento das diferentes representações que produzem sobre a escola, as relações por ele estabelecidas com a instituição escolar e o sentido de se frequentar esta etapa da Educação Básica. Em suma, esta pesquisa insere-se em um movimento de buscar junto aos Jovens os sentidos da escola, as relações sociais que são estabelecidas no meio escolar, considerando suas perspectivas acerca de como a escola deveria ser e de que forma poderiam acontecer mudanças, enquanto espaço de socialização relevante e de produção do conhecimento.

* Mestra em Educação (Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM). Analista Pedagógica na Superintendência Regional de Ensino de Uberaba – Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. E-mail: monica.silva@educacao.mg.gov.br

** Doutor em Educação para a Ciência (Universidade Estadual Paulista – UNESP). Professor do Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias (DECMT) vinculado ao Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Uberaba, MG). E-mail: daniel.ovigli@uftm.edu.br

2 Um sobrevoo pelo ensino médio: desafios e sentidos

Ao buscar compreender os sentidos atribuídos à escola pelos Jovens, em especial no EM, são muitas as questões que poderiam ser investigadas, porém nosso interesse reside em reflexões sobre a relação dos Jovens com a escola. Quem são esses Jovens? Juventude ou Juventudes? Para Dayrell (2007, p. 4) “não existe uma juventude e sim Jovens que experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem”. Para isso entendeu-se que, para conhecer quem é esse jovem que adentra à escola, é preciso compreender que a Escola foi criada pela sociedade e que ocorreram muitas transformações ao longo da sua história, que modificaram relações, a economia, a política e, principalmente, “o modo de pensar, de sentir e de ver a realidade” (CARMO; CORREA, 2014, p. 14).

Por muito tempo a escola foi seletiva e excludente, existindo apenas para aqueles estudantes de destaque, que apresentavam notas elevadas e em condições socioeconômicas mais favoráveis. Os estudantes que por vezes não se enquadravam nessa dinâmica eram excluídos, impelindo-os a adentrar ao mundo do trabalho e ter o Ensino Fundamental como etapa final da Educação Básica (CARMO; CORREA, 2014).

Assim, para buscar entender a relação das Juventudes com a escola, é necessário reconhecer a “ausência histórica dessa etapa educativa como possibilidade de todos, agravada por uma profunda perda de sentido identitário e pedagógico da instituição escolar” (CARRANO; DAYRELL; MAIA, 2014, p. 7-8).

Outra questão que merece destaque é que mesmo diante deste reconhecimento do EM pela legislação brasileira, por meio do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), esta etapa não foi acompanhada por políticas públicas que a valorizassem tanto no âmbito de acolhimento à chegada desses estudantes, como também em infraestrutura, formação de professores e valorização para a carreira dos profissionais da educação, situações que engessaram os avanços desejados para uma educação de sentidos para os estudantes (CARRANO; DAYRELL; MAIA, 2014).

É nesta perspectiva que tecemos este diálogo das Juventudes com esta escola. Juventudes ainda pouco compreendidas nas suas diferenças e particularidades, pensada continuamente como um grupo homogêneo, o qual conversa em determinadas instâncias, como em movimentos, o ir para as ruas, caras pintadas etc., mas não se pode esquecer que ‘Juventude’ são, realmente, ‘Juventudes’, no plural. As diferenças e os grupos existem e as diferentes percepções

necessitam ser levadas em consideração, visto que encontramos no espaço escolar um grupo heterogêneo. Contudo,

[...] a escola tende a considerar a juventude como um grupo homogêneo, socialmente vulnerável, desprotegido, sem oportunidades, desinteressado e apático. Desconsidera-se o que é “ser jovem”, inviabilizando a noção do sujeito, perdendo a dimensão do que é a identidade juvenil, a sua diversidade e as diversas desigualdades sociais (ABRAMOVAY et al., 2015, p. 32).

Dessa forma, são negadas aos Jovens as suas diferenças culturais e a flexibilidade, estando presentes formatos pouco dinâmicos, de posturas, de recursos didáticos utilizados nas aulas e as próprias salas de aula, as quais engessam os sentidos e o encantamento pela escola. Para Moran (2012) o processo de ensino e aprendizagem exige flexibilidade de espaço, tempo, de pessoal e de grupo, além disso “menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação” (MORAN, 2012, p. 32).

Para sentir os Jovens é preciso respeitá-los em todas as suas potencialidades e significados, como define Dayrell (2007). Abramovay e colaboradores (2015) entendem que a abundância de informações na qual os Jovens estão cada vez mais imersos não necessariamente é sinônimo de conhecimento. Os Jovens, em sua maioria, reconhecem a importância da escola, mas a escola não os reconhece em sua totalidade, em seus desejos e sonhos. A escola precisa fazer pontes para além das salas de aula e dos muros da escola:

As gerações atuais precisam, mais do que antes, do toque, da muleta audiovisual, do andaime sensorial. É um ponto de partida, uma condição de identificação, de sintonização para evoluir, aprofundar. O problema é que muitos, durante a vida toda, não ultrapassam a necessidade do apoio sensorial e permanecem nas dimensões mais aparentes da informação e do conhecimento. Permanecem na periferia das possibilidades do conhecimento. Permanecem num conhecimento “amarado”, que não voa, porque sempre precisa dos andaimes das sensações, das imagens, da mediação sensorial. Este é um dos problemas do homem atual: cada vez se depende mais das mediações sensoriais. Sem elas, não consegue voar (MORAN, 2012, p. 53).

Abramovay e colaboradores (2015, p. 20) alertam para a necessidade de a escola resgatar “os sentidos e vontades do jovem estar na escola ou ser da escola” e de professores que “podem ou não animar tais sentidos”, em

consonância com Charlot (2001), que reflete sobre o universo escolar quando pontua que há estudantes interessados e desinteressados. Essa dicotomia pode estar ligada à importância da escola quanto ao processo de construção de sentidos para os estudantes, considerando que estes se apropriam da escola e do conhecimento quando neles são despertados “ecos” em relação com o que se está aprendendo.

Portanto, faz-se necessário pensar em uma escola que corresponda às perspectivas dos estudantes enquanto local de aprendizagem, de significados para os saberes, trocas e de convívio com o outro. Cada escola, independentemente de sua localização e de sua realidade, é formada por estudantes, professores, gestores e por toda a comunidade escolar. A escola é formada de “gente”, e nesse espaço transitam vozes, desejos e histórias. Daí o reconhecimento à importância das pessoas que a habitam, principalmente no âmbito da elaboração de políticas para o EM. O conceito de “aluno”, na concepção dos professores, geralmente é interiorizado como de sujeitos que nada apresentam a colaborar com o processo ensino-aprendizagem. Esta situação ocorre porque “ao acreditarmos que são menores” (SACRISTAN, 2005, p. 12), sua voz não nos importa e não os consultamos para elaborar ou reconstruir a ideia que temos sobre quem eles são.

A esse respeito, Freire (1987) considera a “concepção bancária” da educação como sendo a retirada da reflexão sociopolítica dos estudantes, na qual o opressor manipula o oprimido por conta de sua formação, fazendo com que o oprimido seja manipulado ou, ainda, engaiolado em uma cultura de reprodução, de transmissão de conteúdo. Quando a mediação é uma realidade, professores e estudantes ensinam e aprendem e, assim, as relações dialógicas precisam ser fomentadas para que a concepção bancária seja superada (FREIRE, 1999).

Faz-se necessário negar a mecanização do processo ensino-aprendizagem, na qual os estudantes vão se descobrindo no encadeamento dos temas significativos à luz da interpretação dos problemas. A libertação só é conquistada por meio do diálogo. Os dominados precisam lutar para a extinção do monopólio da palavra e o desengaiolar faz parte de um processo doloroso que ocorre somente quando é superada a relação “opressores-oprimidos”, em um movimento de libertação para o voo, para a liberdade (FREIRE, 1987).

3 O voo: caminhos percorridos

A pesquisa contemplou a participação juvenil e compreendeu a faixa etária de 14 a 17 anos, foi realizada no ambiente escolar durante o ano de 2017 e priorizou a escuta dos Jovens para conhecer seus saberes, suas expectativas e

necessidades de aprendizagem, de modo que pudéssemos conceber a escola que os Jovens desejam, impelindo-nos a optar por uma pesquisa de natureza qualitativa. Destaca-se que esta pesquisa permitiu olhares e impressões quanto às percepções dos Jovens no contexto de seus territórios, configurando-se método importante que corrobora com a participação juvenil não apenas nas escolas, mas também em seus diferentes espaços e contextos sociais e culturais pelos quais transitam.

A pesquisa de natureza qualitativa mostra-se eficaz na investigação de fenômenos educacionais complexos cuja análise, pretende-se, seja de interpretação dos dados, uma vez que permite ao pesquisador a imersão nos fatos, nas histórias, nos relatos e nas situações presentes no ambiente coletivo, a fim de entendê-las e filtrar respostas para esse universo rico e diverso (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Inicialmente houve uma busca por espaços escolares que apresentassem grupos juvenis organizados, com lideranças atuantes, representações de realidades diferentes. Realidades que contemplassem diferentes perfis sociais, culturais e econômicos de Jovens e essa busca evidenciou três diferentes espaços escolares da cidade de Uberaba-MG. É necessário enfatizar que as três escolas selecionadas aceitaram participar, por meio autorização, além de os Jovens e seus respectivos responsáveis legais terem confirmado participação por meio da assinatura de termos de assentimento e, também, de consentimento livre e esclarecido, após aprovação do protocolo de pesquisa pelo sistema CEP/Conep, registro CAAE 68613717.1.0000.5154.

Para preservar o anonimato das escolas e dos Jovens, fizemos a opção por substituir nomes de escolas por nomes de árvores e dos Jovens por nomes de pássaros, uma vez que pássaros voam longe, são inquietos e podem ir e vir conforme o rumo do vento ou do bando. A opção por nome de árvores para as escolas consiste no fato de que é nelas que a maioria dos pássaros pousa. Os pseudônimos para ambos, Jovens e escolas, não foram aleatórios, mas pensados de acordo com as características de cada um no desenrolar da pesquisa.

A inspiração para tal vai além de romance ou poesia, tem caráter investigativo sob a ótica de Jovens com o intuito de investigar a escola que se tem hoje, no olhar destes atores. Em um cenário no qual a natureza enfrenta período de devastação de florestas e extinção de fauna, a educação por vezes também se sente devastada, com a falta de incentivos e de recursos para se manter viva e sem amarras: “[...] é de se esperar que a escola tenha que ‘se reinventar’ se deseja sobreviver como instituição educacional” (SOUSA et al., 2011, p. 20). Essas escolas, para se manterem vivas, precisam refletir que

[...] escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle, engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo (ALVES, 2002, p. 29).

A escola localizada na região oeste do município foi designada Escola Pau-Brasil e sete Jovens nela matriculados participaram de grupos focais em dois momentos, com duração de quatro horas cada um visto que nesta escola, em especial, os Jovens foram os mais participativos. A escola da região norte foi denominada Escola Jatobá, homenagem a essa árvore majestosa e exuberante, dona de uma sombra ampla, a qual configura-se como a metáfora de uma sombra para jovens que desejam alçar voos mais altos. Este grupo focal teve duração total de quatro horas e contou com a participação de 12 Jovens. Por fim, a escola da região leste foi chamada de Ipê, árvore que deixa cair muitas folhas e flores, mas continua frondosa. Trata-se de uma escola periférica, também sombra para muitos dos jovens excluídos pela sociedade: segundo a gestão da instituição, trata-se de local para um pouso seguro. Aqui participaram 13 Jovens, em dois encontros com duração de 4 horas cada um. No primeiro encontro não participaram os Jovens do 3º ano do Ensino Médio, dia no qual realizavam uma avaliação externa.

Para a realização dos GF as escolas foram frequentadas de modo que os pesquisadores pudessem compreender não apenas as falas, mas o contexto no qual os Jovens estavam inseridos. Os espaços para sua realização foram cuidadosamente escolhidos de forma a dar privacidade a cada grupo, fosse na sala de informática ou na biblioteca. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 48), “para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado”. Por isso a necessidade desse deslocamento até o lócus da escola, para que as falas não se tornassem “ocas”. O registro dos dados considerou a gravação em áudio de todas as falas, seguida por transcrição minuciosa que tentou captar as emoções e os anseios dos Jovens participantes. Ainda de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 48), “[...] a investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números”. Na transcrição buscamos preservar a riqueza dos detalhes de cada fala e percepção.

Destaque-se que todos participaram dos grupos focais no mês de agosto de 2017 e estavam cursando algum dos três anos do EM nas respectivas escolas. Os participantes trouxeram muitos relatos de vivências e expectativas.

Tinham demandas, ansiedades e vontades distintas, conforme o ano que frequentavam e o contexto que viviam. Os Jovens do 1º ano traziam consigo desejos de finalizarem esta etapa, já os do 3º ano relataram vivências escolares e familiares, alguns com desejo de acessarem a Educação Superior tendo em vista buscarem realização profissional ou continuidade da vida acadêmica.

O GF, como explicitam Abramovay e colaboradores (2015), é uma técnica a partir da qual é possível, por meio de diálogos, conhecer com profundidade o grupo pesquisado, aproximar-se dele e, ainda, ter acesso a respostas significativas e rápidas, geradas nas próprias rodas de conversa com o grupo pesquisado.

Os GF propostos foram orientados à investigação das seguintes dimensões: (i) perfil dos jovens; (ii) história de vida e trajetória escolar; (iii) percepção sobre a escola e a educação; (iv) relações sociais na escola e (v) que escola criticam e que escola querem. Dessa forma, elencamos estas cinco categorias, a partir do trabalho de Abramovay e colaboradores (2015), as quais geraram dados interpretados à luz da análise de conteúdo, técnica empregada para análise e que vai além das lentes do pesquisador, ao exigir exercício de desconstrução e decifração densas, com o objetivo de transcender as incertezas e enriquecer a leitura dos dados construídos (BARDIN, 1997).

4 O pouso: conversando com as aves

Essa seção compreende a apresentação e interpretação dos dados construídos nas cinco categorias anteriormente elencadas.

4.1 Perfil dos Jovens pesquisados quanto às características sociodemográficas e à tipologia familiar

Como a escolha das escolas ocorreu em regiões distintas da cidade de Uberaba/MG, partimos do pressuposto de se conhecer e reconhecer o perfil dos Jovens pesquisados. Cada grupo focal apresentou realidades diferentes que foram fundamentais para compreender a percepção dos Jovens quanto à escola, detalhada conforme falas deles próprios nos grupos pesquisados.

Em linhas gerais, na Escola Pau-Brasil os Jovens não apresentam distorção idade-série e são filhos de pais escolarizados, não trabalham, não têm filhos e uma parte deles frequenta curso pré-vestibular como bolsistas. Dois Jovens trabalham informalmente, conforme falas: “[...] no período da noite pego uns trabalhos pra fazer, pra ganhar um dinheirinho extra, entendeu? Pego trabalhos, inclusive

de outras escolas...” (Papagaio-Charão - um Jovem bem falante, que chegava a ser ansioso para se expressar); “[...] no contra turno sou confeitadeira e faço bombons” (Albatroz-de-Tristão).

O perfil do grupo pesquisado da Escola Pau-Brasil é composto por Jovens que apresentam posicionamentos críticos, capazes de tomar decisões e opinar sobre assuntos relevantes relacionados à sociedade e à escola e até mesmo de resistência ao que é instituído pela escola e com o qual por vezes não concordam. São oriundos de um nível socioeconômico mais elevado quando comparado aos Jovens das outras duas escolas, relatando incentivo e apoio das famílias para com os estudos, o que se reflete em mais oportunidades, quer seja no curso preparatório para o acesso à Educação Superior que parte deste grupo, em especial, frequenta, quer seja em cursos extracurriculares e a prática desportiva também presente em seu dia a dia, incentivado pelas famílias. Este grupo destacou o desejo de não apenas cursar a Educação Superior como, por vezes, também de seguir carreira acadêmica, conforme fala da jovem Ararinha Azul: “Eu quero cursar Licenciatura em Matemática, fazer Mestrado e Doutorado, se possível um pós-Doutorado”.

A realidade dos Jovens da Escola Pau Brasil é diferente da vivida pelos Jovens das Escolas Ipê e Jatobá, que entre os seus maiores desafios disputam o espaço da escola com a necessidade urgente de trabalhar.

Quanto aos Jovens da Escola Jatobá, a maior parte integra o Programa Menor Aprendiz, ação amparada pela Lei da Aprendizagem 10.097/00 e que afirma, em seu artigo 428, formação técnico-profissional metódica aos Jovens com idade superior a catorze e inferior a dezoito anos, inscritos em programa de aprendizagem e preparação para o mundo do trabalho, por meio de parceria com empresas de grande e médio porte e em Universidades que participam da ação (BRASIL, 2000).

Dois Jovens da Escola Jatobá trabalham como menores aprendizes na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), situada na cidade. Quando questionados se trabalhando como “Menores Aprendizes” na Universidade, ao exercerem atividades na secretaria ou mesmo recepção deste espaço, não possuíam o desejo de lá estudarem, Soldadinho do Araripe responde sem hesitar: “Dá até uma pequena inveja!”. A partir desta fala, Marianinha-de-cabeça-amarela interage na discussão: “Até quando eu passo na porta, me dá muita vontade de estudar lá”.

Com Saviani (2011) entendemos que essas vozes nos convidam a uma reflexão sobre a realidade de muitos outros Jovens do EM das escolas públicas, do quão distante ainda é a universidade de muitos daqueles que são oriundos das camadas populares e que convivem ainda hoje

com um sistema de ensino dual, de preparação daqueles pertencentes às camadas populares para o trabalho e, dos mais favorecidos, para a universidade. O referido autor nos instiga pontuando que a educação oferecida para as elites é uma, representada pelas escolas privadas, e outra para as camadas mais populares, considerando as escolas públicas.

Saviani e Duarte (2012) corroboram para essa reflexão acerca da educação quando refletem que o sistema escolar é fragmentado. Em outras palavras, o saber escolar é organizado de forma fracionada que ora prepara os estudantes para a Educação Superior, ora para o mundo de trabalho, sem associação com a ‘realidade vivida’ e ‘experimentada’, compartimentado em disciplinas, em grades curriculares, e reproduzem a divisão social e a lógica do mercado ao longo da história. Reforçam as análises quanto ao acesso ao conhecimento ocorre de maneira profundamente excludente.

Os Jovens da Escola Ipê são socioeconomicamente mais desfavorecidos (possuem menor poder aquisitivo), apresentam distorção idade-série, são filhos de pais escolarizados, em sua maioria, até o Ensino Fundamental e divorciados, além de apresentarem muitos irmãos. Uma das participantes tem uma filha de quatro meses. Sobre a importância de se refletir sobre o perfil dos Jovens que adentram aos espaços escolares, nos remetemos a Dayrell (2016) que ressalta a importância de ser considerado, em um nível mais amplo, que quando

[...] cada um desses Jovens nasceu, inseriu-se numa sociedade que já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. [...] Assim, a idade, o gênero, a raça, o fato de serem filhos, na sua maioria, de trabalhadores desqualificados, grande parte dos quais com pouca escolaridade, entre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na trajetória escolar de cada um deles (DAYRELL, 2016, p. 409).

O jovem Corredor Crestudo frequenta o EM da Escola Ipê pela manhã e, à tarde, cursa o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), conforme ele próprio pontua: “Eu estudo aqui de manhã e faço curso à tarde no SENAI... recebo pra fazer o curso, além de aprender uma profissão!”.

Corredor Crestudo amarra a discussão com os outros Jovens da Escola Jatobá, ao buscar a profissionalização para atuar no mundo do trabalho. De acordo com Antunes (2001), “trabalho” está ligado à realização profissional e “emprego” à obtenção de renda, e estende o debate

também à precariedade nas relações laborais, ora protegidas por direitos, ora por situações precárias e inseguras.

4.2 História de Vida e Trajetória Escolar

Uma forma de se conhecer os Jovens da escola consiste em compreender a trajetória percorrida por eles para também entender as relações que são estabelecidas no espaço escolar e ao seu redor. As falas evidenciam a escola e a família nos primeiros lugares em suas vidas, em especial na Escola Pau-Brasil, conforme relato de Jandaia Amarela:

Ao longo da minha vida eu pensei muito isso [...] a escola realmente seria o primeiro lugar, a maior parte do meu tempo eu passo pensando o que tá acontecendo aqui ou ali, então tudo na minha vida gira em torno da escola [...] por exemplo, relações sociais, tipo, amigos, a questão do meu cursinho eu ganhei pela escola... então, a escola é muito presente na minha vida. Ainda mais por estarmos no Ensino Médio, terminando ele já (Jandaia Amarela).

As relações estabelecidas na escola podem aproximar os Jovens do ambiente escolar ou não, dependendo das experiências vividas. O relato acima representa a fala de outros nesta parte do grupo focal, e são de Jovens que possuem alicerces familiares e financeiros que os favorece a estudar e planejar o futuro – o que não foi recorrente nos outros dois GF, nos quais a maioria dos participantes apresenta obstáculos de natureza familiar e também financeira.

Tanto em Abramovay e colaboradores (2015) quanto em Dayrell (2016) e Saviani (2011) é possível entender que a relação dos Jovens com a escola não se estabelece de forma homogênea. Na instituição escolar são conferidos sentidos diversos, dependendo do contexto e da realidade de cada Jovem. É preciso reconhecer que o público de nossas escolas é fruto de uma educação excludente ao longo dos anos, fazendo que este se torne heterogêneo, marcado pelas diferenças sociais e culturais.

A boa classificação da escola faz com que os Jovens se desloquem de bairros distantes para a frequentarem. Pau-Brasil é formada por Jovens provenientes de diversos bairros da cidade os quais, em sua maioria, têm a intenção de frequentar a Educação Superior e se sentem atraídos por ela por se destacar em relação a outras pelas quais passaram, além de proporcionar a eles uma aproximação com a universidade por meio de projetos e parcerias, bem como um bom convívio com professores e gestão, conforme relato de Jandaia Amarela: “A minha mãe estudou aqui antes de mim. E eu não sabia que a escola tinha tantos projetos,

parcerias com universidades [...] eu me mantive aqui até agora por conta das oportunidades que a escola tem, iniciação científica que fiz por conta das parcerias da escola”.

Os Jovens do grupo em questão indicam aspirações de conhecimento e de natureza profissional. As falas se encontram principalmente quanto ao apoio que recebem da família, quanto aos seus objetivos, o acesso ao conhecimento, à Educação Superior e à profissionalização. Não consta nesse grupo índice de abandono ou de repetência por rendimento ou faltas. São Jovens com uma visão que extrapola os muros da escola e que fazem considerações pontuais sobre o incentivo à educação no Brasil: “O Brasil como um todo, ele não incentiva pesquisas científicas” (Jandaia Amarela). Pica-Pau-do-Parnaíba acrescenta:

Trazendo isso pra nossa realidade escolar, eles barram isso, barram conhecimento... barram as curiosidades, os anseios Jovens de procurar o novo pra entrar numa questão, tipo, de quanto mais você sabe, mais você vai questionar. Talvez seja mais um medo, do que uma rebelião de pessoas questionáveis pode fazer com uma realidade inserida (Pica-Pau-do-Parnaíba).

Moran (2012, p. 40) dialoga com Pica-Pau-do-Parnaíba quando afirma que “a educação é um processo em que reunimos com maior número de certezas para lidar com as incertezas”. Ninguém é detentor do conhecimento e esse elemento precisa estar presente em um processo valioso de ensino-aprendizagem compartilhado e interativo no qual todos possam colaborar para o conhecimento. Estas questões precisam ser pensadas de modo que os Jovens reconheçam os espaços escolares com a importância necessária para a permanência e a conclusão do EM visando à continuidade dos estudos, em uma dimensão que dialogue com a formação integral dos atores deste cenário das escolas.

As histórias de vida dos Jovens das Escolas Ipê e Jatobá entrelaçam-se, de certa forma, a partir das falas, entre elas:

Quando eu fazia a 5º série, estava indo bem, e daí a minha mãe largou do meu pai, porque batia nela e tal. Aí expulsou eu e o meu irmão mais velho primeiro de casa, aí nós choramos muito, lembro disso até hoje! Era um dia de muita chuva! Aí a minha mãe estava procurando uma casa pra gente morar... fomos parar lá no 2000 [bairro periférico da cidade], numa casa de uma amiga da minha mãe, ficamos um tempão morando lá, ficamos mais de mês... depois fomos pro Abadia [bairro situado em região central] na casa de um senhor lá

[...] depois eu voltei pro bairro que eu morava, só que não consegui passar, tinha perdido muita aula (Corredor Crestudo).

Eu tenho um relacionamento bom com a minha mãe, mas com o meu pai (pausa...) é bem complicado... ele é alcoólatra... ele nunca fez questão de saber como eu estou e eu também nunca fiz questão de saber como ele está... então a gente nem se conversa no dia a dia, ele não sabe o meu dia a dia, só que a gente mora junto. Mas não temos uma conversa... (Chororó-do-Rio-Branco).

Diante dessas relações familiares, Dayrell (2016, p. 409) entende que para

[...] compreender as trajetórias escolares e os múltiplos fatores que vêm gerando a exclusão dos Jovens pesquisados, é fundamental situá-los como sujeitos socioculturais. Isso implica compreendê-los enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios. Tal visão nos leva a ampliar as perspectivas de análise.

Freire (1995, p. 13) reflete “que escolas não são espaços exclusivos para puro aprender e para o puro ensinar”. Acreditamos, assim como Dayrell (2016) e Freire (1995), que a escola seja um espaço de construção de significados para os estudantes e para quem a frequenta, que as pessoas sejam percebidas e consideradas em todas as suas dimensões com os seus sentimentos e expectativas, e não seja reduzida apenas à obtenção de sucesso profissional, ou que os Jovens se sintam obrigados a frequentá-la. Os espaços escolares precisam ser ocupados pelos Jovens de forma participativa e criativa, estabelecendo vínculos. Freire (1987), neste ponto, nos convida novamente a desvelar a função social da escola.

Considerando que estamos todos dentro de uma gaiola maior, um caminho possível para a libertação consiste na construção do conhecimento e de diálogos entre os diferentes atores. Talvez aí resida a necessidade de a escola sair da sombra da consciência para poder realizar uma educação libertadora e respeitada em sua essência.

4.3 Percepção sobre a escola e a educação

A percepção sobre a escola e a educação também se difere sob as diferentes observações dos Jovens nos GF, os quais apresentam seus sentimentos com relação à escola,

as dificuldades que enfrentam e os motivos que os levaram a escolher as escolas que frequentam.

Na Escola Pau-Brasil os Jovens pesquisados relatam que não moram próximo à escola, mas deslocam-se de bairros distantes para a frequentarem. O principal motivo por eles elencado é a boa imagem da instituição e sua respectiva classificação na cidade, principalmente no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como citado anteriormente. Pica-Pau-do-Parnaíba acrescenta:

Ela é muito bem vista em Uberaba... foi o meu maior motivo... no primeiro momento eu vim pra cá porque eu morava nesta rua... eu entrei aqui muito pequena... depois mudei pra muito longe e insisti para ficar... porque vi que aqui os professores eram diferenciados. As notas eram muito boas... e eu acredito que uma escola estadual deveria ser ideal pra todo mundo (Pica-Pau-do-Parnaíba).

Frente a essas falas, recorremos à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1996), que contempla a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola. Pontuamos que nenhum jovem deveria ter que se deslocar de suas localidades e, em especial, das escolas de seus bairros, para buscar escolas consideradas “melhores”.

A escolha dos Jovens pela Escola Jatobá, no entanto, se deve ao fato de sua localização ser próxima às suas casas, com exceção da jovem Acrobata, que não mora próximo da Escola Jatobá, entretanto a prefere, pelo fato da escola que fica próxima à sua casa, ser “da pesada!” (Acrobata).

Contudo, as dificuldades relatadas pelos Jovens da Escola Jatobá para estudar são “O cansaço, a preguiça, sei lá...” (Marianinha-de-Cabeça-Amarela). Outra jovem do grupo também se manifesta: “Paciência... tem que ter paciência com tudo! Com a matéria que você tá aprendendo, com tudo!” (Tesoura do Campo).

As falas nos convidam novamente à fundamentação em Freire (1987, p. 65), para quem “a prática de pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminado tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminada”.

Freire (1987) nos desafia a pensar em uma escola em sintonia com os seus estudantes, pensando em suas expectativas e necessidades, organizada metodologicamente de maneira menos fragmentada e mais interativa com as juventudes, no plural, contemplando assim suas diferenças.

Charlot (2005) e Dayrell (2016) também dialogam quanto à ausência do sentido da escola para o jovem uma

vez que, por séculos, o EM não foi reconhecido, provocando uma crise identitária acerca desta etapa. O ato do acesso à escola não garante a permanência do aluno no sistema escolar, uma vez que os Jovens chegam a essa etapa não discernindo ser um direito ou um dever estar, frequentar e concluir essa etapa. Portanto faz-se necessário pensar nesse grupo, em especial, de forma reflexiva e acolhedora, de modo a entender suas diferenças, reconhecendo-os e alimentando suas expectativas e seus valores.

As falas dos Jovens das Escolas Ipê e Jatobá convergem para a relação que possuem com o mundo do trabalho. Quando questionados sobre suas percepções acerca da escola e da educação, eles dizem: “Ah! Eu quero sair de casa e tenho a ambição de ficar rica! Menos ser vendedora” (Tiriba-de-Hellmayr) e Cara Pintada: “Eu quero crescer na vida, eu quero ser alguém na vida, eu quero ter uma condição, não de ser rica, mas ter uma condição pra me sustentar, sustentar minha família, minha casa”.

A relação que os Jovens das Escolas Ipê e Jatobá estabelecem com o mundo do trabalho os aproxima de muitos outros Jovens que frequentam o EM nas escolas públicas. Para esses Jovens, frequentar a escola e trabalhar representa “um grande desafio cotidiano (...) é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de vida” (BRASIL, 2013, p. 34).

4.4 Relações sociais na escola

As relações sociais de uma escola precisam ser pautadas em interações que busquem a compreensão do que a comunidade escolar deseja, expressa em um espaço de trocas coletivas, nas quais todos possam aprender e ensinar, como pensa Freire (1997), em uma escola comprometida com o coletivo.

As relações sociais apresentam ser problema apontado nas falas dos Jovens das três escolas. Os Jovens da Escola Pau Brasil indicam os casos de indisciplina dos colegas e de irresponsabilidade com as atividades escolares: “Os alunos, com certeza. Eu vou muito na diretora para conversar sobre esses alunos: é um problema que me incomoda!” (Jandaia Amarela).

Na Escola Estadual Jatobá, ao mesmo tempo em que se sentem incomodados com a indisciplina, apontam as possíveis causas para essa inquietação dos colegas durante as aulas, como defende o jovem Macuquinho:

A gente também tem que ver o lado das pessoas, a gente não sabe o que está acontecendo com elas, elas podem estar desprovidas de atenção. Elas podem estar precisando de

um amigo, podem estar carentes. Às vezes em casa elas não têm atenção dos pais. A gente não deve pegar o martelo de Deus e julgar outra pessoa.

Quando perguntamos ao grupo da Escola Estadual Ipê “como são as relações sociais na escola” ficaram todos inquietos e queriam falar neste momento e os depoimentos trazem “Nossa! É muito péssimo porque nenhum dos dois (professores e estudantes) têm educação, de nenhum lado... E quando o professor não respeita, o respeito se perde entre os dois lados!” (Cardeal Amarelo).

Nesse sentido, Abramovay e colaboradores (2015, p. 20) alertam para a necessidade de a escola resgatar “os sentidos e vontades do jovem estar na escola ou ser da escola” e de professores que “podem ou não animar tais sentidos”. Os Jovens reconhecem seus professores, mas nem sempre os professores os reconhecem e reconhecem a sua importância no processo ensino-aprendizagem significativo.

Os Jovens se identificam a partir das relações que são estabelecidas, isso faz parte da construção social, por estarem em uma fase de construção, de identidades em construção. Para encontrar a essência foi preciso buscar compreender as identidades juvenis considerando-se as formas de socialização com os amigos, familiares, o respeito às suas diversidades, a sua música, sua arte, os movimentos sociais nos quais se envolvem e, também, o mundo virtual como espaço de expressão (BRASIL, 2013).

As relações entre os Jovens são, no geral, sem relatos de brigas ou agressões. O que incomoda os Jovens das três escolas, conforme apontam, são os colegas descompromissados com as aulas e atividades escolares. Cara Pintada ressalta: “o que me incomoda é a falta de comprometimento porque às vezes as pessoas não estão interessadas, mas às vezes eu tô. Então isso acaba me atrapalhando a prestar atenção”. Essa fala encoraja Marianinha-de-cabeça-amarela em fazer o seu desabafo emocionado:

Porque geralmente eu era, sou assim... eu falo tanto na sala porque em casa não tenho ninguém pra conversar... Ai meu Deus, não quero chorar, não vou chorar... [pausa] Era difícil entendeu? Eu via ali na sala como minha família, que eu podia confiar, conversar [Pausa – Marianinha-de-Cabeça-Amarela se emociona e chora].

Avançar no texto antes de respeitar esse desabafo e choro seria reforçar a “invisibilidade”, nomenclatura utilizada por eles mesmos, no cenário da escola. Marianinha-de-cabeça-amarela foi uma jovem que se sentiu encorajada com o apoio do grupo em dividir os seus conflitos. A voz

da jovem representou várias outras vozes mascaradas na dita indisciplina e rebeldia, que poderiam ser asas, ficando claro o papel da escola em contribuir de forma humana nessas relações.

As relações entre alunos e professores permeiam conflitos na sala de aula, evidenciados na indisciplina dos colegas de turma. Os Jovens relatam que essa indisciplina é causada pelo desinteresse de alguns dos colegas com as aulas. Além disso, pontuam que essa situação, dentre outras, faz com que eles nutram admiração por determinados professores e por outros não. Nesse sentido, Leão e colaboradores (2011) pontuam que

Esse tipo de depoimento poderia ser menos frequente se a escola se constituísse em um local de reflexão sobre a educação no país, seus impasses e desigualdades... os Jovens tendem a idealizar o esforço pessoal dos alunos e dos professores e a centrar o foco de suas demandas nos conteúdos disciplinares e na qualidade das aulas (LEÃO et al., 2011, p. 266).

É necessário que as escolas incentivem e promovam a participação de toda a comunidade escolar e local e, de modo democrático, descentralizem as decisões e compartilhem responsabilidades. Falar e fazer são verbos muito distantes quando se trata de “democracia”, principalmente quando remete à escola e, nesse sentido, Brasil (2013, p. 30) considera que

[...] a gestão democrática só se torna possível se a escola dispuser de autonomia para praticá-la. A autonomia é entendida como a capacidade de alguém ou de uma instituição de decidir por si mesma os rumos a seguir, segundo seus princípios. Aplicado à escola, o conceito significa sua capacidade de autodirigir-se relativamente aos vários aspectos e dimensões que a constituem, o que inclui desde a concepção de educação que pretende tomar como orientação para educar seus alunos até decisões corriqueiras, relativas à compra e uso de materiais de limpeza, por exemplo, passando pela gestão financeira.

Para que a “gestão democrática” e o “protagonismo juvenil” deixem de ser utopias e a escola se fortaleça, de modo a ampliar seus laços com os Jovens e tornar as práticas educativas mais significativas, as ações precisam ser pensadas e articuladas com os estudantes. Desse modo a escola pode avançar no exercício de uma gestão compartilhada e com atuação efetiva dos Jovens junto à gestão educacional.

4.5 *Que escola criticam e que escola querem*

Quando questionados sobre a escola que têm e a escola que desejam, os Jovens sobrevoam diferentes anseios que partem da infraestrutura até as críticas às práticas pedagógicas nas aulas que têm e as que desejam, incluindo o uso das tecnologias e as relações que são estabelecidas, de forma a superar as barreiras de comunicação. Ararinha Azul ressalta que

A escola acabou de receber de uma faculdade particular ar-condicionado e data show para todas as salas, mas não é só isso, a escola não tem um laboratório de ciências, são muitas coisinhas que poderiam ser revistas. Aqui na escola poderia ter um campo com gramado, tem espaço pra isso. Tem até os gols, mas não está bem cuidado, está cheio de mato. E acho, assim, a escola tem muito campo aberto, que poderia ser usado para fazer aula ao ar livre. Poderia fazer umas mesinhas lá, seria muito interessante pra gente [...] A escola tem muito espaço que não é usado, que não é aproveitado.

Abramovay e colaboradores (2015) dialogam com Ararinha Azul quando faz considerações quanto à importância de uma infraestrutura adequada para os espaços escolares, de forma que seja agradável para toda a comunidade escolar, tendo em vista o desenvolvimento de suas potencialidades.

A escola que os Jovens querem transpõe barreiras afetivas e tecnológicas, e precisa, na voz dos Jovens: “Mudar a escola, os professores, mudar tudo! Assim não está dando mais!” (Cardeal Amarelo); “Aulas mais prazerosas e mais interessantes! Mais prática e menos teoria!” (Corredor Crestudo).

A escola, para os Jovens participantes dos três grupos focais, apesar dos apontamentos aguçados que fizeram, ocupa lugar de destaque em suas vidas. Para muitos, é o lugar do encontro com o outro, onde as relações acontecem, as amizades, experiências e os projetos de vida.

Se faz necessário considerar, também, os contextos sociais dos Jovens, que os fazem construir laços de forma singular, uma vez que cada um tem uma história, uma identidade e que se entrelaçam com outras culturas, para serem refletidas e entendidas (BRASIL, 2013).

As mudanças nas formas de relações representam um desengaiolar por meios de espaços nos quais estudantes, professores, pais, servidores e comunidade local possam protagonizar uma educação participativa e descentralizada, segundo o olhar dos Jovens. A escola que os Jovens

desejam é uma escola que valorize suas diferenças e autonomia e que, para Dayrell (2007, p. 125), demande principalmente dos professores “[...] postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas, ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida”.

A escola desengaiola os Jovens quando ouve suas vozes e a eles oportuniza autonomia para trilharem seus próprios caminhos na construção de uma sociedade comprometida com o outro, humana, participativa e democrática (DAYRELL, 2003). A escola que querem, que sonham, é a escola na qual suas vozes sejam ouvidas.

5 Considerações finais

A presente pesquisa guarda olhares, falas e percepções de importantes reflexões voltadas ao EM e à escola, frutos do encontro com Jovens de três diferentes realidades e perfis, que fazem jus à expressão ‘Juventudes’. Consideramos suas singularidades, as quais sobrevoaram conosco durante todo o percurso, de forma que entendemos não ter este estudo chegado ao fim, mas a possíveis sobrevoos futuros a partir da riqueza das falas sustentadas pelos Jovens sobre essa etapa tão importante em suas vidas, que é o EM e a escola que se tem hoje.

A escola, para os Jovens pesquisados, é uma escola que, apesar de ser por eles ocupada, não os faz se sentirem pertencentes a ela. Para eles é uma escola confinada aos muros e aos seus ideais de um incentivo ao protagonismo juvenil distante. A partir da escuta dos Jovens, remanescem desejos de mudança para o ‘EM e a Escola’, desejos que requerem reconhecimento de políticas públicas, de sensibilização e vontade de diferentes atores que possam expressar um compromisso primordial com a “Educação” e, em especial, com os Jovens.

No grupo focal realizado na Escola Pau-Brasil, os Jovens pesquisados possuem um vínculo com a escola, com a leitura e com o EM e priorizam o desejo acadêmico de continuidade dos estudos, não enxergando o EM como etapa de terminalidade na vida escolar. A qualidade nas relações escolares para esse grupo aproxima-se dos outros dois grupos focais e desafia as escolas e as políticas públicas para uma conexão maior com os estudantes, de modo a valorizar o processo de diálogo e uma maior conexão do processo educativo com o cotidiano dos Jovens, com consideração às suas histórias e (re)significação de cada espaço escolar.

Nos grupos focais realizados nas Escolas Ipê e Jatobá admitem a importância da escola não para a construção de conhecimentos, apenas, mas para a obtenção de um emprego, para conseguirem comprar uma casa, um carro,

enfim, falas que emanam com naturalidade de Jovens de um estrato social mais desfavorecido quando comparada aos Jovens do grupo focal realizado na Escola Pau-Brasil.

Essas vozes protagonizam preocupação com o processo educativo e demarcam um cenário complexo e excludente quanto ao acesso, à permanência e à própria escolarização. As relações entre os estudantes nos três diferentes grupos focais urgem preocupação, já que não endossam um clima harmônico.

Percebemos em meio a tantas vozes a invisibilidade dos Jovens quanto aos sonhos, aos desejos, às diferenças e às demandas ante à escola. A escola ideal, para os três grupos focais, é a escola que os reconheça, que seja menos desigual e injusta, e que os “profissionais desta escola” reconheçam que “os muros ruíram”, que suas experiências, demandas e necessidades sejam consideradas (DAYRELL, 2003). Assim como pássaros destemidos e voando sempre em uma direção, sem amarras ou correntes, os Jovens também demonstraram leveza e segurança em suas falas, encantando-nos do início ao fim com suas vozes e liberdade de expressão.

O intuito é fazer da escola um espaço no qual estudantes e toda a comunidade escolar e local se envolvam no desafio do ‘desengaiolar’ a cada voz e gesto, no desenvolvimento de habilidades, na conquista de uma educação pública de qualidade, em que escola e políticas públicas assumam e perpetuem a cultura do diálogo e da participação coletiva.

A pesquisa também trouxe elementos emanados das falas dos próprios Jovens os quais, longe de buscarmos responder se as escolas são “gaiolas” ou “asas”, permitem tecer um diálogo denso com a história da educação na busca da compreensão e do respeito a este grupo em suas diferenças e realidades. Trata-se de uma forma de aproximação e de construção de escolas inspirada na liberdade, no desenvolvimento pleno dos estudantes para a cidadania e para o mundo do trabalho e que contemple os princípios básicos regidos pela LDBEN. Nesse sentido, apresentamos elementos que pudessem colaborar para uma escola que esteja disposta a mudar de postura frente ao encontro com o outro, valorizando-o, bem como que valorize a participação, o diálogo e a liberdade de expressão, excluindo qualquer diferença e distanciamento que negue direitos ou adie o enfrentamento deste grande desafio que é hoje o Ensino Médio.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISEL-FISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?** Flacso – Brasil, OEI - MEC, 2015.

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papirus, 2002.

ANTUNES, Ricardo. A questão do emprego no contexto da reestruturação produtiva do trabalho no final do século XX. In: HORTA, C. R.; CARVALHO, R. A. A. (Org.). **Globalização, trabalho e desemprego**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1997.

BIKLEN, S., BOGDAN, R. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000**. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1996.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos Jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 01 abr. 2017.

CARMO, Helen Cristina do; CORREA, Lycinia Maria. **O ensino médio no Brasil: desafios e perspectivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio - sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola faz Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v.28, n.100, p.1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. Juventude, Ensino Médio e os processos de exclusão escolar. **Educ. Soc.**, v. 37, nº. 135, p.407-423, abr.-jun., 2016.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, nº 24, Belo Horizonte, 2003, p. 43.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cad. CEDES**, v. 31, n. 84, p. 253-273, Aug. 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos - Novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

NONATO, Symaira; VILLAS, Sara. **Juventude e projetos de futuro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Demerval; DUARTE, Newton. (Orgs.). **Pedagogia histórica crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SACRISTÁN, Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SOUSA, Antonia de Abreu; SOUSA, Tássia de Pinheiro; QUEIROZ, Mayra Pontes; SILVA, Érika Sales Lobô - Evasão Escolar no Ensino Médio: Velhos ou Novos Dilemas? **Vértices**, 13, n. 1, p. 25-37, janeiro/abril. 2011.

Enviado em: 29-06-2020
Aceito em: 13-10-2020
Publicado em: 30-10-2020